

# decoração

vista por dentro

A Susana e o Edy decidiram mudar de vida e abriram a melhor esplanada deste e de futuros verões lisboetas: o Noobai Café, uma casa nova em Santa Catarina mas já com a alma de histórias antigas.

TEXTO  
Sandra Oliveira  
FOTOGRAFIA  
Neni Glock



Edy e **Susana**  
«Uma “praia” no meio da cidade, onde apetece conversar, ler um livro ou apenas olhar o rio. E preservámos a alma do lugar, este ambiente de viagem e de Sul.»

## Noobai Café

Miradouro do Adamastor (a Santa Catarina)  
www.noobai.cafe.com



### 1. Bar na praia

**Edy:** Decidimos mudar de vida, eu trabalhava em cinema e deixei por completo, a Susana é fotógrafa e dá aulas de fotografia, que consegue conciliar com este projecto. **Susana:** Tínhamos a ideia de abrir um bar na praia, procurámos à volta de Lisboa e percebemos que não era possível – um projecto como o nosso envolvia o Ministério do Ambiente e Planeamento do Território, era complicado. **Edy:** Isto há cerca de ano e meio, quando me lembrei que no meio da cidade havia um sítio com «praia» à frente – uma vista fantástica do

rio, numa zona de lazer e não de copos, onde apetece estar a conversar, a ler um livro ou apenas a ver o rio. **Susana:** Uma pérola escondida que nos lembrávamos de ter conhecido há mais de uma década, no tempo do restaurante O Marinheiro – era uma coisa meio escondida, simples, mas que quem conheceu nunca mais esqueceu o espaço a dominar a vista até ao Tejo.

### 2. Casa dos marinheiros

**Edy:** Encontrei os donos porque lá em baixo no edifício está escrito «Casa dos Marinheiros Mercantes» e eu andei a chateá-los durante três meses até nos



receberem! Ao fim desse tempo acabaram por ficar contentes com a nossa proposta. É que a casa estava essencialmente podre e nós propusemo-nos fazer o restauro todo. **Susana:** Foi também a altura certa, durante anos eles não quiseram alugar este último andar, mas agora estavam preocupados com o vandalismo que começava a existir. E era também preciso muita energia para enfrentar tudo isto – tratar de todas as licenças, fazer obras a sério – foi o que demorou um ano e meio. Tivemos de resolver erros do passado, porque o prédio é dos anos trinta mas estes últimos andares são posteriores e até aos anos noventa houve uma série de acrescentos, coisas arquitectonicamente absurdas.

### 3. Viagem para sul

**Edy:** Tivemos de fazer o restauro de tudo, modernizar as casas de banho, restaurar todas as madeiras. **Susana:** Até chorávamos se tivéssemos de substituir todas estas madeiras por alumí-

nio! Queríamos manter este ambiente de viagem e de Sul, muitas portas, sempre com muitas correntes de ar – quisemos preservar a alma do lugar. **Edy:** Foi tudo muito bem pensado a dois, mas pouco projectado ou desenhado, foi mais experimentado, comprávamos uma cor e pintávamos a ver como ficava, encontrávamos uma peça e estávamos sintonizados com a escolha. No mobiliário, por exemplo, estas mesas antigas de madeira escolhemos quase todas do Emaús, as cadeiras vieram algumas de casa, outras foram-nos emprestadas pelos marinheiros lá de baixo.

### 4. História da casa

**Susana:** Este recanto e todas as fotos e pinturas na parede, também vieram lá de baixo, onde estavam guardadas a estragarem-se – é a nossa homenagem à história da casa, feita de barcos e marinheiros.





4←5↑6↓7→

## 5. Objectos amigos

**Edy:** Os dois móveis de madeira vieram de um armazém de electricidade aqui ao lado, também os restaurámos todos. Basicamente todo o trabalho, desde lixar, serrar e pintar, fizemos nós e uma parte da equipa que aqui trabalha connosco, com ajuda profissional, claro! **Susana:** Os objectos que aqui temos vieram alguns de casa, outros foram-nos oferecidos, outros ainda simplesmente encontrámos na rua. As latinhas de mercearia, por exemplo, foram amigos que nos deram. As lanternas e as velas trouxeram-nos de Macau. Há uma terrina de família num armário. E os focos na parede encontrámos no meio da rua!

## 6. O mundo ao balcão

**Edy:** Aqueles três candeeiros no bar são do Emaús. E o bar fizemos nós mesmos, foi desenhado em dez minutos em cima de um tijolo, enquanto almoçávamos. **Susana:** Linhas direitas, simples, a aproveitar a altura da



vitrina frigorífica que já tínhamos, não é para as pessoas se sentarem ao balcão – e os materiais funcionaram bem. **Edy:** A mim lembra-me aqueles balcões antigos em fórmica, mas é feito de material de cofragens da construção civil, muito resistente e que já vem com aquela cor. O espelho lá atrás também é Emaús, já o porquinho-maravilha, viajante pelo globo terrestre, veio lá de casa, foi uma prenda que deram à Susana. A fruteira é das poucas peças sem história, é Ikea. O menu tem a ver com o ambiente da casa, fomos escolhendo e provando com os amigos e fornecedores, tal como a música – é descontraído e leve, saudável qb, tem a ver com o ritmo da-vida das pessoas, pessoas como nós.

## 7. Até ao rio

**Edy:** Cá fora optámos pela espladada tradicional portuguesa, resistente e confortável, que é fácil de encontrar em vários fornecedores e em várias cores.

Gosto especialmente das cadeiras, fazem-me lembrar tardes de Verão na infância. Os guarda-sóis foram a melhor opção para escapar a uma estrutura permanente, que nos taparia o sol da manhã e do final do dia, a vista sem limites – o critério de escolha foi serem resistentes e de pano branco. **Susana:** O nome foi inventado por nós mas partimos da expressão creoula *Nu Bai*, que quer dizer *nós vamos!* Contamos a história? **Edy:** Estávamos uma noite no Mexe [bar no Bairro Alto] desesperados à procura de um nome e a Susana pisou qualquer coisa no chão: era um *pin* com um leão e dizia *Nu Bai*, que eu expliquei à Susana o que queria dizer. Depois acabámos por criar esta palavra original, que já não quer dizer nada mas muitos portugueses e cabo-verdianos ainda sabem o que é. «

